



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

AS VÁRIAS FACES DA MULHER NO MEDIEVO

Larissa do Socorro Martins Leal¹

RESUMO: Ser mulher na sociedade Medieval não havia conforto algum. No contexto histórico, ser mãe também era uma tarefa árdua e desenvolver essa atividade com excelência era quase uma obrigação durante a Idade Média. Este trabalho tem como objetivo estudar a face feminina no Medievo. A partir do livro sagrado - Bíblia - desde a criação do mundo e dos seres humanos², a mulher é vista pelo homem como um ser secundário³. O sexo feminino durante todos os tempos teve suas limitações, porém foi durante a Idade Média, período de intensa misoginia, que ela teve seu ápice de limitações, principalmente comportamentais. Elas tiveram que ver suas histórias e vivências serem relatadas por homens, que na maioria das vezes eram religiosos. A Igreja foi de fundamental importância para que a mulher fosse cada vez mais contida e silenciada. Com uma visão distorcida deste sexo, durante muito tempo, a igreja precisava encontrar um exemplo a ser seguido e foi em Maria que enxergaram esse ideal feminino comportamental, sendo ela um exemplo de filha, esposa, mulher e mãe.

PALAVRA-CHAVE: mulher; mãe; medieval; matrimônio.

SUMMARY: Being a woman in medieval society there was some comfort. In historical context, being a mother was also an arduous task to develop this activity with

¹ Graduada em Letras, Universidade Federal do Pará (UFPA).

Pós-graduação (em andamento) lato sensu em Ética, teologia e educação, EST.

² Como é sabido, no livro de Genesis está presente a criação do mundo e dos seres humanos (masculino e posteriormente feminino) e é a partir do trecho onde a mulher foi criada da costela de Adão que se sustentou o discurso misógino da Igreja Católica.

³ Apesar das constatações misóginas, devemos ressaltar que havia, sim, uma visão sobre o feminino não demeritória, ainda que, em sua grande maioria, o olhar sobre as mulheres era depreciativo (WEMPLE, 1990, p. 231).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

excellence was almost a requirement during the Middle Ages. This work aims to study the female face in the Middle Ages. About the subject, the medievalist Ricardo da Costa (1995, p. 7) is an important concept, making a relationship between mothers and holy. Consider: "It is holy by being a mother. Mother of a saint, so a divine instrument. "In other words, he says that motherhood deifies the woman, especially if this mother gave birth to a saint, like St. Monica - St. Augustine's mother - and Mary.

KEYWORD: wife, mother, medieval, marriage.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Idade Média é conhecida como um período de intensa misoginia⁴. Conhecer como as mulheres eram vistas é de cabal relevância ao nosso estudo. Segundo Georges Duby (1989, p. 6), “essa Idade Média é resolutamente masculina. Pois todos os relatos que chegam até mim e me informam vêm dos homens, convencidos da superioridade de seu sexo. Só as vozes deles chegaram a mim”. Esse relato de Duby comprova que esse período da história está saturado pelo universo masculino. Segundo Carla Casagrande (1990, p. 123),

a ideia de que a mulher tenha sido dotada por Deus de uma alma, igual a do homem por natureza e dignidade, atravessa de formas diversas todo o pensamento medieval: se na tradição agostiniana, fundada sobre um dualismo nítido entre corpo e alma, se fala de uma igualdade total entre a alma da mulher e a do homem (...) mas em todos os casos, o apelo à igualdade das almas, seja ele feito de modo mais ou menos directo ou mais ou menos problemático.

⁴Para Bloch (1995, p. 13), “qualquer definição essencialista sobre a mulher, seja positiva ou negativa, feita por um homem ou uma mulher, é a definição fundamental de misoginia”.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

A igreja, também, lhes atribuiu um comportamento e hábitos que as conduzissem à humildade, moderação e parcimônia.

1.1 A mulher e a perspectiva da Igreja e masculina.

Na verdade, eu gostaria de descobrir a parte oculta, a feminina.

Georges Duby

Desde a criação do homem, a mulher tem sido contemplada com a ideia de uma suposta inferioridade natural. Os religiosos utilizavam o discurso do mito da criação para justificar a submissão feminina. Um trecho do *Livro Sagrado* nos informa essa posição misógina, presente no discurso católico, tendo a mulher como sexo frágil e secundário:

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu. E tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse a Adão: essa é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne (Gn, 2, 20-24)⁵.

Os religiosos se apoiavam na ideia do Pecado Original de Eva para chamá-la de pecadora, ligando-a a noção de corporeidade para inferiorizá-la. Segundo Ventorin (apud BLOCH, 1995, p. 25),

⁵Os clérigos utilizaram-se da origem da mulher para terem um argumento contra ela; como a mulher foi feita da costela de Adão, os religiosos diziam que esta já teria uma ligação carnal e corporal (BLOCH, 1995, p. 33-39). Quanto ao homem, o pensamento era diferente: tendo este ganhado a vida a partir de um sopro Divino, ele estaria mais próximo de Deus e de tudo que é espiritual (VENTORIN, 2003, p. 2).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Deus proibiu Adão e Eva de comerem da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, porém a serpente convenceu Eva a prová-la (Gn. 3, 1-7). Todos foram punidos por essa desobediência: a serpente foi condenada a rastejar e a ser hostilizada pela mulher. O primeiro casal humano foi expulso do Jardim do Éden. Adão foi condenado a cultivar o solo e retirar dele seu sustento. Já Eva ficou com a carga mais pesada da culpa, foi condenada a sentir dores nas gravidezes e ser dominada pelo marido. Essa condenação feminina serviu de instrumento para os teólogos medievais institucionalizarem o casamento e a moral cristã no matrimônio.

As mulheres, na visão dos religiosos, eram consideradas pecadoras e muito próximas dos prazeres carnis e dos sentidos humanos; eram vistas, dessa maneira, porque todas descendiam de Eva, a culpada pela decadência humana. Logo, seriam “filhas pecadoras de Eva”, conforme ilustra a expressão: “Não sabes (mulher) que és Eva, tu também? (...) Tu és a porta do diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar a lei divina” (TERTULIANO apud DALARUM, 1990, p. 35).

No início da Idade Média, a maior preocupação em relação às mulheres era mantê-las puras e afastadas dos clérigos, pois, assim, os religiosos não cairiam em tentação. “(...) Os clérigo nada sabem delas. Figuram-nas, ou melhor, figuram-n’A; representam-se a Mulher, à distância, na estranheza e no medo, como uma essência específica ainda que profundamente contraditória” (DALARUN, 1990, p. 29). Nesse contexto, a maioria dos eclesiásticos acreditava que a mulher era portadora e disseminadora do mal. “O mito da Criação implicou um arдил para a história das mulheres (SCHIMIDT-PANTEL, 2003, p. 136), pois os argumentos retirados desses textos contribuíram para fundamentar as representações cristã, judaica e muçulmana sobre a diferença dos sexos, tendo alimentado a misoginia, da qual a própria Igreja Católica é herdeira” (LIMA & TEIXEIRA, 2008, p. 114).

No entanto, a Igreja medieval acabou por alterar a visão da mulher na sociedade, pois era necessário que houvesse um padrão idealizado de comportamento feminino. Os religiosos viram em



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Maria, a mãe de Jesus Cristo, um exemplo perfeito de mãe, mulher, esposa e virgem. Para Raquel Lima e Igor Teixeira (2008, p. 114),

Maria acreditou na Anunciação do Anjo Gabriel, obedeceu e, principalmente, se fez escrava dos desígnios divinos. Ela seria a nova Eva, a anti-Eva: a Ave. Concebendo sem pecado, tornou-se o protótipo idealizado do feminino: destaca-se pela pureza sexual e pela maternidade, caminho de remissão às 'filhas de Eva'. Por intermédio dela a Igreja conseguia oferecer às mulheres uma espécie de saída da condição pecaminosa instaurada pela primeira mulher e mãe, Eva. Para isso, era necessário criar um novo modelo de mulher, ideal e idealizado: a de mãe, esposa e virgem [...] Apesar de o papel de esposa em Maria ter sido desvalorizado em relação aos outros dois, todos eles foram muito importantes nos séculos XII e XIII, pois levaram à valorização do matrimônio. Se a mulher não seguisse o ideal da virgindade e castidade, era preferível, então, que se casasse para ser esposa (servir ao homem) e, principalmente, ser mãe.

Os clérigos da igreja incentivavam as mulheres a se manterem puras até o casamento, se a opção de vida fosse o matrimônio. Porém, a melhor maneira era seguir o exemplo de Maria: permanecer virgem e tornar-se esposa de Cristo, seguindo a vida religiosa e abrindo mão do matrimônio. Para se manter pura, a mulher poderia se *autocustodiar*, isto é, era preciso que elas buscam-se repelir os maus costumes, tendo, como modelo, o exemplo mariano. Carla Casagrande (1990, p. 121) discute sobre esse poder feminino de controle do resguardo:

A mulher foi criada por Deus, participou com a Virgem Maria do mistério da Encarnação, contribuiu por meio de inúmeras mulheres santas e piedosas para o desenvolvimento espiritual da cristandade, possui uma alma que está apta a entrar em relação com a divindade, pode salvar e ser salva, praticar a virtude, fugir ao vício, tornar-se exemplo de perfeição moral; é, portanto capaz de se autocustodiar.

A Igreja, ao longo da Idade Média, teve um olhar estritamente misógino e, com isso, como já o dissemos acima, exemplos e discursos masculinos e religiosos foram criados, segundo a perspectiva de que as mulheres foram disseminadoras do mal, a partir de Eva. Os



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

clérigos representavam-nas em seus discursos e doutrinas “à distância, na estranheza e no medo” (DALARUM, 1990, p. 29). Carla Casagrande (1990, p. 99) traz-nos um breve pensamento de como a mulher vivia sob a custódia masculina:

Não sei em que medida as mulheres do medieval se mantiveram quietas e silenciosas entre as paredes das casas, das igrejas e dos conventos, ouvindo homens industriais e eloquentes que lhes propunham preceitos e conselhos de toda a espécie. Os sermões dos pregadores, conselhos paternos, os avisos dos directores espirituais, as ordens dos maridos, as proibições dos confessores, por mais eficazes e respeitáveis que tenham sido nunca nos restituirão a realidade das mulheres às quais se dirigiam, mas com toda a certeza faziam parte dessa realidade: as mulheres deveriam conviver com as palavras daqueles homens a quem uma determinada organização social e uma ideologia muito definida tinham entregue o governo dos corpos e das almas femininas. Uma parte da história das mulheres ouviram ser-lhes dirigidas, por vezes com arrogância expedita, outras vezes com carinhosa afabilidade, em qualquer caso com preocupada insistência.

Elas foram negligenciadas por muito tempo e ficavam sempre à sombra do gênero masculino. Os homens eram considerados donos das mulheres, em tal época. Se não estivessem sob a custódia do pai, estariam sob a custódia do marido. Elas permaneceram em silêncio por muito tempo, silêncio que representava a submissão e a dependência. Por razão dessa inferioridade do sexo feminino, as mulheres não tinham voz ativa na elaboração das leis e por isso eram obrigadas a obedecê-las, inclusive as específicas a elas⁶.

Sabe-se, sobre as mulheres, desta época, o que os homens delas falaram: “são sempre os homens que falam delas”, diz-nos George Duby na obra *A história continua* (1993, p. 151). O historiador francês justifica o atraso de pesquisas sobre a mulher, neste período, por falta de documentos específicos sobre o elemento feminino e os materiais disponíveis, em sua maioria, foram falseados e distorcidos pelos homens. A construção da imagem da mulher veio por meio dos homens medievais, ou seja, elas foram representadas, segundo a concepção de padres e monges (LEITE, 1992, p. 42). Por isso, estudar a imagem da mulher medieval, além

⁶As mulheres do meio urbano eram regidas a partir às leis do direito municipal instituído a partir dos séculos XII ou XIII, já as que moravam em meio religioso eram regidas pelo direito canônico, segundo Duby & Perrot (1990, p. 356).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

de ser uma pesquisa delicada por falta de documentação e comprovação, é também um estudo onde se faz necessário um cuidado ao pesquisar, pois dependendo da fonte, há a tendência a uma construção de imagem mais ou menos realista ou estilizada. Por isso, o historiador não poderia se deixar levar totalmente pelas fontes, especialmente aquelas de raízes masculinas (LEITE *apud* DUBY, 1989, p. 99).

1.2 - A mulher e as letras

Ressuscitar, fora do silêncio das fontes, a palavra das mulheres...

Danielle Régnier-Bohler

Por meio da obra *A história continua*, do historiador Georges Duby, pôde-se ver, anteriormente, que a mulher não tinha voz no Medievo e que suas lamúrias e suas vivências foram transmitidas através de homens leigos e religiosos. Porém esta é apenas uma face da história, pois Danielle Régnier-Bohler apresenta dois exemplos de mulheres, cujas vozes desejavam ecoar: Maria da França – uma das escritoras da história real de amor impossível de Tristão e Isolda – e Cristina Pisano que “penetrou no campo da mulher letrada, e mais largamente no da espiritualidade feminina” (REGNIER-BOHLER, 1990, p. 519).

As vozes dessas mulheres permitiram-nos entender as angústias femininas, mediante a submissão aos homens. No entanto, as amarras da submissão, em cujos relatos elas buscavam retratar, não as impediram de, com humildade e modéstia, reconhecer que precisavam buscar *outra linguagem* mais *sensorial*. Segundo Régnier-Bohler (1990, p. 522),

afirmando modestamente a inaptidão à palavra dos homens por um *topos* de modéstia, mas reclamando com brilho o seu direito irreprimível à invenção de outra linguagem, a palavra da mulher mística integra o corpo como suporte sensorial, que desemboca numa língua “total” onde o grito, as lágrimas, o silêncio sabem entrar numa sintaxe nova.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Cristina de Pisano foi a mais conhecida escritora laica da Idade Média, escreveu inúmeras obras como *La mutacion de fortune*, *Le livre de La cite dès dames*, entre outras. Sua voz feminista ecoou na sociedade Medieval, assim como a de Berta de Corne ao mencionar: “Sou mulher, não posso calar-me,/ Assim, como revelar tudo já” (REGNIER-BOHLER, 1990, p. 554).

1.3 - A mulher, o casamento e a maternidade

A mulher, embora tivesse, em poucos momentos, como vimos acima sua voz ouvida, quanto ao casamento, a mão masculina ainda a mantinha sob controle. Na obra *Etimologías* (apud SODRÉ, 2004, p. 04) de Isidoro de Sevilha veremos a raiz dos termos concernentes ao casamento:

Matrona es La mujer casada. Y se La llama matrona, o madre de um nacido, porque puedeya ser madre: de aquí toma su origen el vocab Lo matrimonio. No obstante, hay que distinguir entre matrona y madre, y entre madre y mater familias. Es “matrona” porque ha contraído matrimonio; “madre”, porque ha engendrado hijos, y “mater familias”, porque, mediante um solemneacto jurídico, ha pasado a pertenecer a la familia del marido.

Em *A Boa esposa*, Silvana Vecchio vê em “Sara, a herança do século XIII” (1990, p. 143) e também o espelho de uma figura feminina exemplar, que deveria exercitar

o amor contido, a fidelidade ao marido, o amparo à família, o amor materno, o governo da casa, cabendo-lhe fundamentalmente a guarda da conduta das filhas que devem ser mantidas longe da freqüência de companhias inadequadas e da participação em festas ou danças. Relativamente às filhas, as mães, elas próprias sob a custódia do marido, reproduzem a mesma atitude repressiva, voltada para a mesma finalidade: preservar o corpo feminino de qualquer contacto que ataque o valor fundamental, a castidade. O controlo da sexualidade das filhas surge de facto como âmbito privilegiado da pedagogia materna, o único do qual a mãe, seja como for, é responsável, independentemente até da sua própria moralidade: as mulheres más, observa Filipe de Novara, podem ser, como mães, até melhores que as boas, hábeis como são em reconhecer nas filhas os sinais da ‘loucura’ que já experimentaram directamente. Mas quando a iniciativa pedagógica vai para além da simples custódia para se dotar de conteúdos propriamente educativos, já não pode ser apanágio feminino e transfere-se decisivamente para a figura paterna(SODRÉ, 2004, p. 05).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Além de ser subordinada ao marido e possuir o dever de ter “o controle da sexualidade das filhas” (SODRÉ, 2004, p. 05), as mulheres em diversos momentos, não eram submissas somente aos maridos, mas também às suas famílias. Um dos deveres aconselhado às mulheres, seria honrar os sogros:

O primeiro dos deveres recomendados a Sara é o de honrar os sogros. Honrar os sogros, como explica Gilberto de Tournai, quer dizer manifestar-lhes uma reverência que se traduz em gestos e palavras respeitadas, em actos obsequiosos e em formas concretas de auxílio em caso de necessidade; quer dizer que se deve evitar qualquer agressividade, mesmo verbal, atenuando com doçura e benevolência qualquer conflitualidade eventual. (...) Honrar os sogros quer assim dizer que se devem estender os genitores do marido as atenções devidas aos próprios, assimilar aos vínculos de sangue os novos vínculos que o contrato matrimonial institui (VECCHIO, 1990, p. 147).

Na visão masculina, o homem é tão superior à mulher que, mesmo quando ela apresenta altas virtudes, nada mais é que um reflexo das orientações e admoestações do marido. Observemos o exemplo de Vecchio (1990, p. 150): “Se o marido é amado com mais intensidade é porque, dotado de maior racionalidade, pode ser mais virtuoso, enquanto a mulher, naturalmente inferior”. A mulher se vê presa em uma contradição insolúvel, tendo a obrigação de amar o marido, pois é uma das suas funções essenciais, porém ama de maneira errada; “a mulher dominada pelos sentidos e incapaz de atingir o autocontrole afectivo do homem, é condenada a amar de um modo total, mas errado, num esforço contínuo de adequação àquele inatingível amor, limitado, mas perfeito, que o marido lhe oferece” (VECCHIO, 1990, p. 151).

Um critério relevante para que o casamento fosse bem sucedido, era a escolha do cônjuge. Segundo Silvana Vecchio (1990, p. 158), as mulheres eram instruídas a selecionar um homem com bons costumes e *sageza*, porém a mulher não deveria olhar para a riqueza.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Silvana Vecchio tem uma visão um tanto quanto romântica⁷ em relação ao contexto social da mulher naquela época; o que nos parece contrário a Georges Duby (1989, p. 17), cujo relato, na obra *Idade Média, Idade dos homens*, apresenta-nos um ponto de vista em que o casamento era um contrato entre duas famílias. A autora de *A Boa esposa* visa que era possível que os cônjuges se escolhessem não levando em consideração a riqueza e o dote ofertado pelas famílias:

Quase completamente irrelevante é a riqueza do dote, que tamanho lugar ocupa, no entanto na prática quotidiana, mas que deve ser menos considerado, mesmo numa óptica laica e mundana, do que outros e mais importantes bens exteriores, como sejam boa família, cópia de amigos, boa reputação. Essenciais são os costumes honestos, para os quais a melhor garantia é constituída pelo comportamento da mãe, segundo Tiago de Varazze, ou então da avó segundo Paulo de Certaldo (VECCHIO, 1990, p. 158).

Há vários textos históricos ou literários⁸ que nos permitem ter concepções acerca do casamento ou de como as mulheres eram tratadas no Medievo, por exemplo. Sendo o casamento um momento muito importante para a vida de toda mulher, esta tem o dever de ser boa esposa, ser fiel ao cônjuge, dar o devido amparo e amor à família, manter a casa bem harmonizada e controlada. Um exemplo disso está no texto de Silvana Vecchio (*apud* KLAPISCH-ZUBER, 1990, p. 167):

As filhas devem ser mantidas longe da frequência da companhia inadequadas e da participação em festas ou danças. Relativamente as filhas, as mães, elas próprias sob a custódia do marido, reproduzem a mesma atitude repressiva, voltada para a mesma finalidade: preservar o corpo feminino de qualquer contacto que ataque o valor fundamental, a castidade. O controle da sexualidade das filhas surge do facto com âmbito privilegiado da pedagogia materna, o único do qual a mãe, seja como for, é responsável,

⁷ Esta visão romântica de Silvana Vecchio é referente ao contexto social da mulher. Ela diz que a mulher deveria escolher o marido sem pensar em riqueza, porém de acordo com os relatos do estudioso Georges Duby, a mulher não tinha o privilegio de escolher o marido, eram as famílias que providenciavam o casamento. Então a visão romântica de que a donzela poderia escolher o esposo, seria em casos excepcionais.

⁸Textos literários como as cantigas de amigo, também falavam da mulher, retratando suas vivências, agonias, temores e amores de mães, amigas e namoradas.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

independentemente até da sua própria moralidade: as mulheres más observa Filipe de Novara, podem ser, como mães, até melhores que as boas, hábeis como são em reconhecer nas filhas os sinais da “loucura” que já experimentaram diretamente. Mas quando a iniciativa pedagógica vai para além da simples custódia para se dotar de conteúdos propriamente educativos, já não pode ser apanágio feminino transfere-se decisivamente para a figura paterna.

Em algumas regiões, mulheres da elite puderam comprar o direito de se casar com quem quisessem; essas compras eram negociadas com funcionários do rei; elas adquiriam esse direito para não se submeter ao sexo masculino (MACEDO, 2002, p. 20), ou seja, queriam escolher, quando, onde e com quem casar. Vejamos na obra *A mulher na Idade Média* de José Macedo (2002, p. 22) essa prática:

três delas, Emma de Normanville, Roheisa e Margareth, prestaram contas de dez marcos por uma licença para se casar onde quisessem. Alice, condessa de Warwich, prestou contas de mil libras para permanecer viúva enquanto lhe conviesse, mantendo a guarda dos filhos que teve com o marido falecido. Noutro caso, Hawisa, viúva de Willian Fitz Robert, prestou contas de 130 marcos e quatro cavalos para Peter de Borough, a quem o rei tinha dado licença para casar com ela, a deixasse em paz; e para não ser compelida a casar-se.

A mulher passava a vida inteira sob a custódia dos familiares masculinos, esperando que esses responsáveis lhes escolhessem um bom casamento. Podemos perceber que o casamento, nesse período, tinha, como objetivo principal, a procriação, visando à continuidade da linhagem, ou seja, gerar filhos para legar os bens e o nome da família. Duby relata-nos em *Idade média, Idade dos homens* (1989, p. 15) como se dava os tramites para a escolha do cônjuge:

Seu papel é assegurar sem prejuízo a transmissão de um capital de bens, de glória, de honra e garantir à descendência uma condição, uma “posição” pelo menos igual àquela de que se beneficiavam os ancestrais. Todos os responsáveis pelo destino familiar, isto é, todos os homens que detêm



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

algun direito sobre o patrimônio e, à frente deles, o mais velho, a quem aconselham e que fala em nome deles, consideram conseqüentemente como seu direito principal casar os jovens e casá-los bens. Ou seja, por um lado ceder às moças, negociar da melhor maneira possível seu poder de procriação e as vantagens que elas podem legar à sua prole; por outro, ajudar os rapazes a encontrar esposa. [...] Ela vai preencher sua função primordial: dar filhos ao grupo de homens que a acolhe, que a domina e que a vigia.

Segundo Howard Bloch (1995, p. 211) em *Misoginia medieval*, o casamento era um tratado, um pacto ou aliança negociada entre as famílias:

O casamento nada tinha a ver com o amor e nenhuma “tolice” a respeito do casamento era tolerada. Todas as uniões eram uniões de interesse, e pior ainda, de um interesse que mudava continuamente. Quando a aliança que conviera anteriormente não mais conviesse, o objetivo do marido era livrar-se da dama o mais rápido possível. (BLOCH *apud* LEWIS, 1995, p. 215).

As relações amorosas se dariam fora do casamento, pois o casamento era, como vimos, um contrato obrigatório. Quando se fala em sexualidade masculina e feminina no Medievo, vê-se uma enorme divergência, começando pelos casos adúlteros que ocorriam na época. Segundo Georges Duby (1989, p. 17),

o campo da sexualidade masculina, nos limites da sexualidade lícita, não se restringe absolutamente ao quadro conjugal. A moral aceita, aquela que todos fingem respeitar, obriga evidentemente o marido a satisfazer-se apenas com sua esposa, mas não o força nem um pouco a evitar outras mulheres antes do casamento, durante o que é chamado no século XII de “juventude”, nem depois, na viuvez. Numerosos indícios atestam o vasto e ostensivo desenvolvimento do concubinato, dos amores ancilares e da prostituição, assim como a exaltação, no sistema de valores, das proezas da



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

virilidade. Em contrapartida, para a moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade.

A literatura do período permite-nos essa concepção. Consideremos os casos amorosos de Genebra e Lancelote Tristão e Isolda⁹.

A questão da fertilidade feminina também é tema preponderante: uma vez que a mulher não fosse fértil e a aliança matrimonial se tornasse desvantajosa para o marido, ele poderia livrar-se de sua esposa (MACEDO, 1992, p. 23). Logo, o amor¹⁰ era algo que não fazia parte do casamento.

⁹Genebra e Lancelote – um dos principais cavaleiros da Távola redonda – tiveram um romance, a traição de Genebra a Artur leva à queda do reino.

Uma lendária história de amor impossível e trágica, entre o cavaleiro Tristão e a princesa Isolda. No século XIII a história foi inserida no ciclo arturiano, transformando Tristão em um cavaleiro da tábua Redonda da corte do rei Arthur. O amor destes teria nascido durante uma viagem que a pedido do Rei Marcus, Tio de Tristão, para ir até a Irlanda buscar a princesa Isolda para casar-se com seu Tio. Durante a viagem de volta a Grã-Bretanha, os dois tomaram acidentalmente a porção de amor mágico que era destinado a seu Tio Marcus e Isolda. Com isso Tristão e Isolda apaixonam-se perdidamente; Isolda casa-se com o rei Marcus, porém os apaixonados continuam se encontrando e mantendo um romance que viola as leis religiosas e sociais da época. Com a descoberta do romance, todos ficam escandalizados e Tristão é banido do reino. Tempos depois Tristão casa-se com a princesa Isolda das mãos brancas, princesa da Bretanha. Após algumas aventuras vividas, Tristão é ferido com muita intensidade e manda que busquem a outra Isolda para cura-lo das feridas mortais, enquanto Isolda viaja para encontrar com ele, sua esposa o engana dizendo que Isolda de Marcus não virá e com a notícia Tristão morre, e ao encontra-lo morto, Isolda morre de tristeza.

¹⁰Georges Duby em sua obra *Idade Média, Idade dos homens* direciona um capítulo – *A propósito do amor chamado cortês* (1989, p. 59-65) – para tratar do amor cortês e como ele se dava na Idade Média. O que se encontra é que, na maior parte dos casos, um dos amantes sempre era casado, então, confirmou-se com Duby o que José Rivair Macedo afirma: que o amor cortês ou amor delicado é mais encontrado em relações adúlteras. Em Duby, temos um exemplo destes, onde o jovem rapaz assediava uma mulher casada, pois “os homens dessa época julgavam, com razão, mais excitante caçar a mulher madura do que a inexperiente” (DUBY, 1989, p. 60).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Segundo Ramon Llull (1232-1316), filósofo do período da Idade Média que escreveu o *Livro das Maravilhas* (1283) e o *Livro das Intenções* (1288-1289), as relações sexuais deveriam acontecer com o propósito único da procriação. A função principal da mulher era a reprodução e era sua responsabilidade que o marido não se tornasse seu amante. O sexo não deveria ser por prazer, e sim, somente para a procriação, como já descrevemos acima. E, caso ela não obtivesse êxito na fecundação, poderia ser devolvida à família pelo marido (MACEDO, 1992, p. 23).

A partir da intervenção da Igreja, sobre o matrimônio ou relações sexuais, a mulher bonita, bem arrumada, que usava roupas luxuosas, se pintava e usava joias, não era bem quista na Igreja, pois era vista como uma ofensa à obra do Criador, já que estaria modificando o que foi moldado por Sua mão (BLOCH, 1995, p. 58-62). A imagem da mulher bela torna-se sinal de luxúria, pecado e tentação, coisa que os homens e as mulheres não deveriam sentir. Sendo assim, as mulheres belas, geralmente, eram discriminadas, pois eram vistas como um poço de pecado para o homem. A relação sexual deveria ser, indissolúvelmente, sem prazer e sem que houvesse provocação ou atração preliminar, isto é, que a mulher não atraísse o homem mediante a sua beleza. Ramon Llull em um fragmento do *Livro das Intenções* (2010, p. 18-19) diz-nos:

Amável filho, na aproximação do homem e da fêmea existe delito carnal, criado por Deus pela intenção do homem e da fêmea se aproxime e engendre filhos. Mas como o delito existe pela segunda intenção e a geração pela primeira, o demônio tenta os homens e as fêmeas com a luxúria para que tenham a segunda intenção em fazer filhos e a primeira aos delitos carnavais, e para que a luxúria possa destruir a castidade em seus corações.

No texto *A mulher sob custódia* de Carla Casagrande, a beleza feminina é vista de maneira negativa quando se fala em vestidos luxuosos, joias e cosméticos. A mulher que maquia sua face ou que altera a cor do cabelo está tentando esconder os sinais do envelhecimento, está “a par de Lúcifer, contesta e pretende melhorar a imagem que Deus lhe deu, chegando até a julgar-se capaz de intervir nas leis da temporalidade governadas por Ele” (CASAGRANDE, 1990, p. 127). O desejo da mulher em enfeitar-se com roupas, joias e cosméticos, mostra que tem um amor pelo corpo e, além disso, uma vontade de mostrá-lo para os outros.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

No entanto, a beleza feminina, no período medieval, é vista de maneira diversificada. Primeiro veremos essa beleza na obra a *História da vida privada: Da Europa feudal a Renascença*, que vem nos mostrar que a

literatura de divertimento é atribuída à exaltação do corpo.(...) para o corpo feminino os componentes de uma beleza canônica: brancura da tez, realçada por um toque de rosado, cabelos louros, disposição harmoniosa dos traços, rosto alongado, nariz alto e regular, olhos vivos e risonhos, lábios finos e rubros. O *topos* do corpo feminino se oferece de bom grado à metáfora: assim, a trajetória da flecha de amor permite a Chrétien de Troyes atribuir elementos da anatomia feminina a cada parte da flecha. Mais explicitamente, mais concretamente no século XII, o corpo pode ser detalhado: seios firmes são comparados a nozes, por exemplo (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 365).

Notadamente, não havia nada mais belo que a maternidade, como veremos adiante. Por isso ser mãe na sociedade medieval era o ápice da vida de uma mulher casada, os momentos mais importantes eram a maternidade e o matrimônio (SODRÉ, 2004, p. 12).

As mulheres da nobreza, quando mães, não se preocupavam com a quantidade de filhos e como eles seriam cuidados, até porque para cada filho tinha-se uma ama. As auxiliares domésticas davam o comer, o beber, cuidavam como se fossem seus próprios filhos, por isso, as mulheres da nobreza e da burguesia da época tinham em média dez filhos. As senhoras da elite teriam que ter capacidade de administrar e controlar a dispensa, a criadagem e a produção de vestimentas da casa. E quando seus maridos viajavam, elas tomavam o controle da casa e passavam a fazer as atividades de seus esposos, como pagar as contas, construções e outros assuntos pendentes que eram da custódia masculina (MACEDO, 2002, p. 40-42).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Havia, no entanto, diferença entre as camponesas e as nobres, começando pela convivência intensa que as camponesas tinham com seus familiares. Para François Lebrun (1986, p. 63), “(...) entre marido e mulher, entre pais e filhos, a comunicação é tão intensa, sobretudo nas famílias rurais isoladas”.

Pouco se falava na mãe de classe baixa. Sabe-se que, ao contraírem matrimônio, as mulheres necessitariam trabalhar. No entanto, este trabalho também as colocava sob uma condição subalterna, isto é, mesmo trabalhando não havia uma dignificação de seu trabalho. Quanto à vida privada, ela deixava seus filhos com parentes próximos quando ia ao trabalho, porém na hora de seus afazeres maternos, como limpar e alimentar, a mãe assumia suas responsabilidades. Por essa razão, essas camponesas e artesãs tinham um número menor de filhos. Para as mulheres camponesas e artesãs, os filhos representavam alívio do trabalho e uma segurança na velhice, pois teriam o apoio dos filhos se ficassem viúvas (DUBY & PERROT, 1990, p. 356).

No contexto dessa sociedade, havia um poder de tutela do sexo masculino sobre o feminino; este poder passava dos familiares da mulher para o marido. Se viúva, esse direito de tutela passava direto para o parente do sexo masculino mais próximo, “o Rei também poderia sequestrá-los, de modo a evitar a miséria daquela e de seus herdeiros”:

e querendo contrariar as minguas das ditas molheres, e proveer aos feusfucce fiores, mandamos, e eftabelecemos, que fe daqui em diante provado for aas ditas molheres , que maliciozamente, ou fem razom dê barata õ ou ena lhe ao feus beës, que logo as Juftiças dos Lugares, hu as ditas molheres beë souverem, os tomem todos, tenhaõ per noffo mandado, dando a ellas fe mantimento, fegundo as peffoas que forem, e os encarregos que ouverem; e devem-no fazer faber a nós, pera mandarmos proveer a effes beës, em guifa que aquelles, que os uverem de herdar, nom receba õ dapno(SODRÉ, 2004: 11)



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

Em *A história da vida privada: Da Europa feudal à Renascença*, Charles de La Roncière (1985, p. 238) apresenta o retrato de uma viúva que é comparada aos domésticos:

os domésticos não deixam de ter direito à gentileza, a considerações. Laços de afeição recíproca se formam, especialmente com as amas-de-leite. Servidores se apegam, envelhecem no lar, e o patrão não se esquece de recompensar esse apego em seu testamento, acrescentando às poucas liras habitualmente distribuídas entre seus familiares disposições especiais em favor dos velhos fiéis: vestuário.

de belo tecido, moedas de ouro, pedaço de terra. Acontece-lhe até prever para eles o alimento e o abrigo perpétuos na casa dos herdeiros, tratamento que lembra o das próprias viúvas.

Em outro texto o mesmo historiador aponta outros casos de desonra e aviltamentos. Mas isso não significava que não existiam laços afetivos entre mãe e filho, porém também tinham aquelas que abandonavam o lar, os filhos e o marido para seguir uma vida ascética, santa, servindo aos pobres, órfãos e outros marginalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher é muito mais que um símbolo, um exemplo a ser seguido, ou até mesmo ícone. A história delas pode ter sido e ainda ser complexa, porém, como disse o historiador Georges Duby (1989, p. 06), “na verdade, eu gostaria de descobrir a parte oculta, a feminina”. O sexo feminino em todos os tempos foi um mistério para os homens, porém não foi nosso intuito discutir, neste trabalho, o lado psicológico da mulher – entender como este gênero



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

pensa e interpreta a vida – o maior objetivo como disse anteriormente, quando utilizamos as palavras de Duby, foi utilizar a história e a literatura para entender traços sobre o papel social da mulher, sobretudo no que disser respeito algumas personalidades que foram consideradas santas, na Idade Média, além de fazer uma investigação do papel que ela desempenhava como mãe, esposa e santa.

Ao longo deste trabalho, desenvolvemos pontos de discussão que, na maioria das vezes, tinham uma forte ligação com a condição misógina da sociedade Medieval. A igreja se apropriou da primeira aparição da mulher para descrevê-la como ser secundário e inferior. Vejamos: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão e este adormeceu. E tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem formou uma mulher e trouxe-a a Adão” (Gn, 2, 20-24). Foi a partir da criação do sexo feminino e do pecado original que os religiosos embasaram seu discurso para minimizar a mulher, conforme vimos.

As mulheres eram vistas como possuidoras do pecado original e disseminadoras do mal, por isso elas eram mantidas puras e afastadas dos clérigos, pois assim os religiosos não cairiam em tentação. Estes viam as mulheres com estranheza e medo (DALARUN, 1990, p. 29). O historiador Georges Duby, na obra *A História continua*, relata-nos que as vivências das mulheres sempre foram contadas por homens que muitas vezes eram leigos e religiosos, porém Danielle Régnier-Bohler traça um outro perfil feminino: uma mulher que tem voz e vontade de expor suas experiências. Como exemplo, temos Maria da França, Cristina Pisano e Berta de Corne, que chegou a mencionar: “Sou mulher, não posso calar-me,/ Assim, como revelar tudo já” (REGNIER-BOHLER, 1990, p. 554).

A sociedade medieval necessitava de um modelo para as demais mulheres, e enxergaram em Maria o ideal comportamental de mãe, esposa, virgem e mulher. Lembrando que os dois momentos mais importantes da vida da mulher eram o matrimônio e a maternidade (SODRÉ, 2004, p. 12).



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, Jéssica F., *O Casamento na Idade Média: a concepção de matrimônio no Livro da Intenção (c. 1283) e nos exempla do Livro das Maravilhas (1288-1289) do filósofo Ramon Llull*, Espírito Santo, fev. 2010.

BLOCH, R. Howard, “*Misoginia medieval e a invenção do amor romântico*” *Ocidental*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 277 p ISBN 8585490594.

CASAGRANDE, Carla. A mulher sob custódia. In: KLAPISH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 99-141.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média latina*. Tradução de Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 29-63.

DUBY, Georges; PERROT, Michele (org.). *História das Mulheres no Ocidente*. Tradução portuguesa. Porto: Afrontamento, 1990.

_____. *Idade Média, Idade dos homens. Do amor a outros ensaios*. Tradução de J. Batista Neto. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

_____. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (Dir.). *História da vida privada. Da Europa feudal à Renascença*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

DUBY, Georges. *O modelo cortês*. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 331-351.

DÍAZ, Esther Corral, *As Mulleres nas cantigas medievais*, Compostela, 2ª ed., 2000, p.223-255.

ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Tradução de Mário Sabino Filho. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

KLAPISCH-ZUBER, (dir.) *História das mulheres*, São Paulo: EBRADIL, Porto: Edições Afrontamento, 1994. P.273-329, v.2: A Idade Média.

LAPA, Manoel Rodrigues. *Das origens da poesia lírica em Portugal na Idade Média*, Lisboa, Edição do Autor, 1929, p. 245.

LAPA, M. Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e maldizer*. Coimbra: Galáxia, 1965. 764p.

LEITE, Márcia M. da S. B., *Representações femininas na idade média: o olhar de Georges Duby, Sitientibus*, Feira de Santana, n.21, p. 37-50, jul./dez., 1999.

LE GOFF, J., "A civilização do Ocidente medieval". Lisboa: Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean- Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Volume II.

LLULL, Ramon. *O Livro da Intenção*. (c. 1283). Tradução do catalão medieval: Prof. Dr. Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais III. Revisão: Prof. Dr. Ricardo da Costa. Supervisão, notas e comparação com o texto latino: Prof. Dr. Alexander Fidora.

LLULL, Ramon. *O Livro das Maravilhas*. (1288-1289). Tradução do catalão medieval: Grupo de Pesquisas Medievais I. Coordenação e Revisão: Prof. Dr. Ricardo da Costa. Revisão Final: Prof. Esteve Jaulent.

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes míticas. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 517-591.

SODRÉ, Paulo Roberto. *Entre a guarda e o viço: a madre nas cantigas de amigo galego-portuguesas*, 2004, p.97-128.



EDIÇÃO Nº 03 DEZEMBRO DE 2012
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/11/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/11/2012

SEVILLA, Isidoro de. *Etimologías*. Edición Bilingüe. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.

SCHMITT-PANTEL, Pauline. *A criação da mulher: um artil para a história das mulheres?* In: MATOS, Maria Isilda S.; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. p. 129-156.

TOLDY, Teresa M. *As mulheres na Igreja Católica: luzes e sombras ao longo da história*. Revista Theologica, II série, Braga, v. 32, n. 2, p. 219-245, 1997.5

VECCHIO, Silvana. "A boa esposa". In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (dir.). *História das Mulheres no Ocidente - Volume 2 - A Idade Média* (dir. de Christiane Klapisch-Zuber). Porto: Edições Afrontamento (Ebrasil/São Paulo), 1987, p. 143 – 183.

WEMPLE, Suzanne F. *As mulheres do século V ao século X*. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). *História das mulheres no Ocidente: a Idade Média*. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 221-271.